



Vicente Jorge Silva
Jornalista

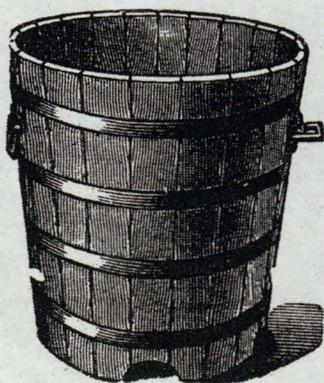
Grass, McEwan, Blair e... Sócrates

Este tem sido um Verão com *overdose* de notícias. A guerra no Líbano e a nova conspiração terrorista descoberta no Reino Unido prejudicaram uma reflexão serena acerca da perturbadora confissão de Günter Grass sobre o seu passado juvenil nas SS. As polémicas em torno do caso pareceram-me, em geral, excessivamente preconceituosas, emotivas, superficiais. Segundo uns, Grass teria perdido definitivamente a aura de consciência moral da Alemanha e o seu testemunho chegou tarde de mais, um pecado imperdoável. Segundo outros, não é justo julgar toda a trajectória de um homem e um grande escritor em função da experiência tenebrosa de um jovem de 17 anos. Não creio que a questão passe por aí, por esse extremar de posições. É bem mais complexa, ambígua e trágica, como a ferida nunca cicatrizada da culpa alemã e das gerações que ainda trazem as suas marcas terríveis. Diogo Pires Aurélio escreveu neste jornal que não trocava uma página de *O Tambor* pelo moralismo suspeito dos acusadores de Grass. E é verdade que muitos dos que agora lhe atiram pedras têm contas a ajustar com as suas opiniões políticas e a severidade com que ele retratou a sociedade alemã. Mas, por outro lado, já não poderemos voltar a ler Grass com os mesmos olhos, a mesma inocência anterior à sua confissão. Uma sombra paira doravante sobre as páginas de uma obra em que a História, a culpa histórica, pesam como chumbo: é a sombra de um jovem de 17 anos alistado nos esquadrões da morte de Hitler. A Alemanha de que fala Grass, sabemos-lo (só) agora, é também (sobretudo?) uma projecção dele próprio, um exorcismo da sua própria culpa recalcada, desse inconfessável e insuportável fantasma que ele carregou como um fardo até aos 78 anos e de que apenas ousou libertar-se quando já lhe restava pouco tempo para o face-a-face com a morte.

2. Confissões, leituras tardias... Pois talvez seja já tarde para propor uma leitura de Verão, mas ainda recomendaria um romance magnífico, *Sábado*, de Ian McEwan. De toda a ficção posterior ao 11 de Setembro que tenho lido é o romance que me parece mais sintonizado

com o espírito da época em que vivemos, com a fragilidade do mundo e dos homens – uma vulnerabilidade que McEwan, através da sua personagem principal, um neurocirurgião, indaga a partir da zona mais insondável dos nossos corpos: o cérebro. Essa consciência da fragilidade, da ambivalência dos comportamentos, da incerteza das ideias, da virtualidade das imagens, da insegurança dos territórios que pisamos (nas ruas, nos locais de trabalho, no interior das nossas casas, no refúgio dos afectos familiares, no amor que damos e esperamos receber), tudo isso atravessa um dia que deveria ser normal – um sábado como qualquer outro, com a diferença de que, nesse dia, Henry Perowne se cruza ocasionalmente com a primeira grande manifestação em Londres contra a iminente invasão do Iraque e encontra também uma personagem improvável que vai abalar a sua vida. Nesse dia, precisamente, os sentidos de Perowne parecem mais despertados aos desafios do acaso, aos sinais per-

do. O *close-up* do seu rosto está a transformar-se lentamente num *close-up* da boca, até que os seus lábios encham metade do ecrã. No passado deu a entender que, se soubéssemos tanto como ele, também quereríamos avançar para a guerra. Talvez com aquele *zoom* lento, o realizador esteja conscientemente a responder a uma pergunta que toda a gente que estiver a ver querará fazer: estará este homem a dizer a verdade? Mas será que alguém consegue distinguir os sinais de um homem honesto? Tem havido bons trabalhos sobre esta questão. Perowne leu Paul Ekman. No sorriso de uma pessoa que sabe que está a mentir há certos grupos de músculos do rosto que não são activados. Só ganham vida com a expressão de um sentimento verdadeiro. O sorriso de um mentiroso é defeituoso, insuficiente. Mas será possível ver que esses músculos estão inertes quando há tantas variações nos rostos, papos de gordura, concavidades estranhas, diferenças de estrutura óssea? É particularmente di-



“(...) A primeira e melhor medida inconsciente de um mentiroso compulsivo é convencer-se de que é sincero.

E, quando é sincero, toda a fraude desaparece.”

(Ian McEwan, ‘Sábado’)

turbadores da banalidade quotidiana. Por exemplo, quando passa no seu carro por uma montra onde se encontram expostos diferentes aparelhos de televisão e observa imagens de Tony Blair.

3. “Na montra estão dispostas em ângulo imagens idênticas de vários tipos de ecrãs – raios catódicos, plasma, portáteis, *home cinema*. Todos eles mostram uma imagem do primeiro-ministro a dar uma entrevista em estú-

ficil quando a primeira e melhor medida inconsciente de um mentiroso compulsivo é convencer-se de que é sincero. E, quando é sincero, toda a fraude desaparece.”

4. McEwan fala de Blair, mas observando Sócrates numa montra de aparelhos de televisão não poderíamos ser assaltados por idênticas interrogações? Estará este homem a dizer a verdade? Estará convencido de que é sincero? |